

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 107

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO.,

43 - RUA FORMOSA - 43

David Fonseca & Fonseca
 Sucessor de A. C. ENCARNACÃO & C.
 Estabelecimento de balanças, pesos e medidas

Forças, moedores, torradores e muitos outros objectos. Cafeteira à prova de fogo, prensas de copiar e accessorios.

25, 27, Rua da Victoria, 29, 31

Officina de serralheria para construções e reparações, tirando utilissimo de louças de ferro esmaltado, machinas para lavar, escher, colhar e espalhar garrafas, dicas para picar carne e machar chouriços, e prensa para extracta de carne e vegetaes. Paquetes e mais artigos para acções.

74, Rua dos Correiros, 76 - LISBOA

Precision



CHRONOMETRE ZENITH

OMELHOR RELOGIO DE ACTUALIDADE EM ORO, PRATA, E AÇO

PREMIADO COM O Grand Prix de Paris de 1906

VENDA EM TODAS AS RELÓJARIAS E OURIFERIAS

Encadernações e Typographia

VEROL & C.

Procurarem sempre a casa que tem um militar à porta

134, Rua Augusta, 136



PROVEM O BUCELLAS HOCH SARDEMAN PEÇAM EN TODA A PARTE

O PIPERINOL

Para dar cor e brilho igual ao encerado em moveis e soalhos. Imitação pau santo, no-gueira, mogno e varias madeiras. Este preparado não tem agua-rar nem cheiro algum. Aplicação facil e rapida.

Diepunito unico: Rua Buenos Ayres, 35
GIL DIAS ASSUMPCÃO.



ESTOU CURADO
 São as palavras de muitos enfermos sobre o **VIGORISADOR ELECTRICO**

Dyspepsia, insomnias, dores nos rins e bexiga, e reumatismo contrados

Dr. McLaughlin.

Tenho a prazer de communiçar-lhe que com a ajuda do seu Apparelio, o «VIGORISADOR ELECTRICO», me encontro completamente curado da dyspepsia, insomnias, dores nos rins e bexiga e reumatismo de que muito soffria, e pelo que lhe estou muito reconhecido pelo meu restabelecimento.

De V.
 (a) Mangel Marques da Silva

O **VIGORISADOR ELECTRICO** do dr. McLaughlin cura as enfermidades do systema nervoso, dos rins, bexiga, estomago, prisão de ventre, lumbago, reumatismo, impotencia e a varicocele cura-se rapida e efficazmente.

Consultas e um formoso livro gratis a todos
 Escrevam-nos para o livro gratis e impresso para consulta

Horas: 9 m. às 8 nocte.
 Domingos: 10 m. à 1.

DR. M. P. MCLAUGHLIN Rua Augusta, 188-2.
 LISBOA

VIUVA
 Thiego da Silva & C.
 ESTABELECIMENTO de ferragens nacionaes e estrangeiras
 84, Praça de D. Pedro, 85
 Officinas de serralheiro, dourador metaes e nickelagem
 Rua de Santo Anão, 2-A

«Union Maritime» e «Mannheim»
 Companhias de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza
 Directores em Lisboa:
Lima Mayer & C.
 59, Rua da Prata, 1.

Grandes armazens do

PRINTEMPS

de PARIS

NOVA DIRECÇÃO — LAGUIONIE & C.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Os Grandes Armazens do Printemps de Paris toem a honra de informar á sua clientela que já chegaram ao seu escriptorio de reexpedição.

19, Largo do Çamões, 1.º - ROCIO

a maior parte do mostruario da estação de inverno; assim como um lote de tapetes, carpeas, artigos de pelle, boas de plumas, Brise-brise, chapôus.

As encomendas feitas por intermédio da nossa agencia de Lisboa, são expeditas franco de porte qualquer que seja a importancia da encomenda, quando a expedição é feita por pouca velocidade.

O catalogo e as amostras são fornecidos gratis a quem os requisitar.

BRAZIL — UNIAO DOS PROPRIETARIOS
 COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES
18, Rua da Candelaria, 18 — Sobrado
 Deposito no Thesouro Federal 200.000\$000

Actuada a funcionar por carta-razão, inscrita na Superintendencia de Seguros Terrestres e Maritimos, de accordo com o decreto n.º 4270, de 10 de dezembro de 1904.—Segura prestada, estabelecimentos comerciais, moveis, officinas e tudo mais quanto se relacionar com seguros terrestres. Accção praticada para administrar bens por zona e ordens de investido, encaregando-se tambem do recolhimento de juros de apólices, dividendos de acções de soccos e companhias n'esta capital, mediante modica comissão.

Directores—Justino José Luis de Souza, Antonio Moreira da Costa, Antonio José Alexandrino de Castro, — Conselho fiscal—José Campello d'Almeida, Francisco Alves Soares Bastos, Manuel Ferreira dos Santos, Antonio de Freitas Gonçalves Guimarães, João da Rocha Romariz e João Jorge Gato Junior.

18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado — RIO DE JANEIRO

Comp. R. doos C. de F. Portuguezes

Servico dos Armazens — Fornecimento de ferragens, ferragens, parafusos e pregos.—No dia 14 de dezembro pela 4 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) permitta a emissão de licitação desta companhia, serão abertas as propostas reccorridas para a fornecimento de ferragens, parafusos e pregos.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central do servico dos armazens (edifício da estação de Santa Apollonia) todos os dias úteis ditas 10 horas da manhã ás 4 da tarde. O deposito para ser admittido a licitar, deve ser effo a até ás 12 horas precisas do dia do concurso, accorrido de regular o edificio exterior da estação central de Rocio.

Lisboa 10 de novembro de 1906.—Pelo director geral da companhia.—O engenheiro subdirector.—Augusto Luciano S. de Carvalho.

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço *Illustração* PORTUGUEZA

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogracura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 20 DE NOVEMBRO DE 1905

NUMERO 107



DR. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES
Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

A 15 de novembro passou o decimo sexto anniversario da Republica do Brazil com a qual temos mantido as mais estreitas e cordoeas relações como de resto era de esperar entre dois povos ligados pelas maiores afinidades. Publicando o retrato do presidente Rodrigues Alves, que ha tres annos exerce com superior criterio a suprema magistratura do seu paiz, a *Illustração Portuguesa* presta a sua homenagem ao illustre estadista e sauda o povo brasileiro que o elegou, tanto mais que o presidente da Republica é filho d'um portuguez,

o sr. Domingos Rodrigues Alvares, que tendo-se fixado na cidade de Guaratinguetá, no o Estado de S. Paulo, ahi adquiriu uma bella posição e no commercio. Em março de 1866 matriculou-se o actual presidente da republica na Universidade de S. Paulo, e recebendo em 1878 o grau de bacharel. Foi um estudante distincto que se foi tornando pouco o pouco um advogado illustre, um politico activo e correcto, um magistrado sensato e digno. Deputado pela primeira vez em 18698 conservou-se na Camara até 1879 na defeza das suas lidas dentro do partido da

ordem e da liberdade. Em 1887 foi nomeado presidente do Estado de S. Paulo, sendo curto o seu governo, porque tinha que tomar assento no parlamento recebendo então do governo imperial a carta de conselho. Proclamou-se a Republica e elle apesar da sua vontade de descanço, foi eleito para a Constituinte, sendo ministro da fazenda após a queda de Deodoro da Fonseca; depois foi senador federal, governador de S. Paulo e finalmente presidente da Republica, cargo que deve occupar até 15 de novembro de 1906.

Chronica

O soldado

Em infantaria 16 os officiaes, n'um grande pensamento digno de homens de coração, receberam as recrutas do anno com festas, entre palmas, verdura e musicas, com sorrisos, com boas palavras e com a maior bondade. A entrada da vida militar fez-se, para aquellos jovens soldados, por uma porta toda luminosa, no passo que, até aqui, todos viam nos portões das armas a bóca escura d'uma caverna, que os guardaria durante os annos que a lei determina.

Essa festa foi, pois, uma bella e generosa idéa, foi uma magnifica inspiração que não só consolou as almas dos que deixaram a familia pela caserna, mas que tem, a nosso vêr, um grande alcance social.

O soldado foi, durante muito tempo, um numero; tinha a rigidez d'um algarismo e as suas funcções. O numero de que saia a sua sorte parecia collar-se á sua existencia a acompanhá-lo, chumbar-se aos seus propositos, aos seus movimentos. Como um numero, era um automato. Moviam-no. O que devia ser uma dignidade era como um castigo. Ninguem queria servir no exercito, todos os rapazes tentiam

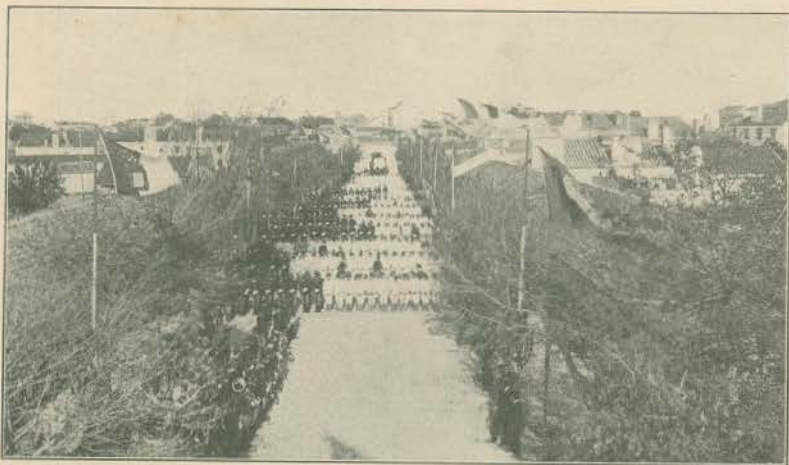


A TESTA DA RECEPÇÃO DOS RECRUTAS EM INFANTARIA 16—O capellão fazendo a allocução aos recrutas

uns seculos era privilegio das castas nobres, agora é carroeira que todos podem alcançar. D'essa democratização do estudo e, por consequencia, das profissões saem o começo d'essa epoca de verdadeira fraternidade entre os homens no futuro. Os que chegam ao alto, vindo do povo, não podem olhar com indifferença os que ficam.

Em França chegou-se ao cumulo d'essa perfeição com a organização militar. O soldado é, antes de tudo, o cidadão; como outr'ora, em Roma, ninguem pode ter direitos politicos sem ter servido no exercito. Desde os mais ricos até aos mais pobres todos se offercem, todos vão para os regimentos. O proprio duque de Orleans quiz cumprir os seus annos de serviço na sua patria. Ser soldado é uma honra. Só não servem nas fileiras os que foram condemnados por algum delicto infame. Em Portugal caminha-se para isso. O quartel vai deixar de ser o lugar de horrores desde que todos os officiaes recebam os seus soldados novos como os de infantaria 16 os receberam. Aquella festa foi mais do que uma galanteria, foi a suprema confissão dos chefes de que o soldado é para elles, antes d'um subordinado, um cidadão, em vez d'um automato, um ser pensante, em vez do numero que se movia de espada desembainhada, o ser que se move com palavras na hora do dever e essa festa marcou uma era nova no exercito, e teve o valor de proclamar a verdade acerca do soldado que, finalmente já é olhado como um homem!

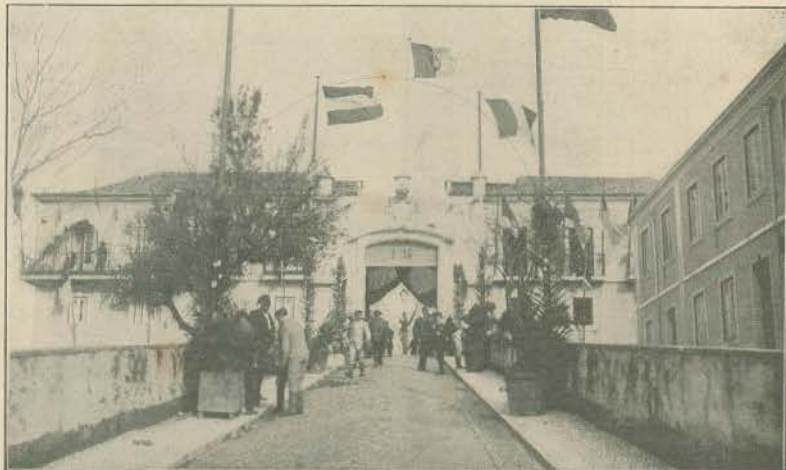
ROCHA MARTINS.



A FESTA DA RECEPÇÃO DOS RECRUTAS EM INFANTARIA 16—Os recrutas formados na parada

a farda de soldado como a uma veste de fogo. Os que podiam mandavam substituir-se, compravam um outro que servisse por elles, davam, como se dizia então, homem por si, exactamente como se mandassem fazer um aborrecido recado. Pagava-se caro a praça. Os pobres iam, a chorar, servir nas fileiras; as mães deitavam calculos ao tempo que faltava para o fim do serviço dos filhos e queixavam-se a todo o momento da vida que lhes davam. Ter um filho na tropa era peor que tel-o na cadeia. Chegava-se a cortar dedos para se ser reprovado na junta medica. Antes se queria ficar defeituoso do que entrar no regimento. Ao rico e ao pobre o exercito fazia o effeito d'uma condemnação, a farda o d'um carregio. Os que não podiam deixar de servir bestialisavam-se na sua tarefa de numeros. O sargento era, então, synonymo de tyranno, o official apparecia nos sonhos dos recrutas como alguem muito poderoso e muito mau que dava castigo, que nunca sorria. Como nos velhos tempos, o soldado era uma especie de escravo de que os commandantes eram os senhores.

Depois começaram as modificações; foi abolida a chibata que fazia, ás vezes, assassinos dos castigados, foram postas de lado todas as velhas formulas d'ensino. O sargento foi obrigado a fazer um curso; o official foi educado d'uma maneira condigna com a alta missão de chefe a que se destina. A bravura ficou, naturalmente, como a maior qualidade do militar, mas a sabedoria e o tacto quasi se emparelharam com ella. Antigamente bastava manejar com ardor a espada, agora é necessario mais alguma cousa para dirigir exercitos. Ser official ha



A FESTA DA RECEPÇÃO DOS RECRUTAS EM INFANTARIA 16—A entrada do quartel



Os artistas que collaboraram no album oferecido pela colonia franceza a mr. Emile Loubet, presidente da Republica Franceza na sua visita a Portugal

O pintor Carlos Reis, collaborador do album—O pintor José Araújo, collaborador do album—Arnaldo F. Fonseca, autor da agnathia, reprodução da «maquette» de frente da Camara Municipal de Lisboa, de escultor francez mr. Anatole Calmels—Mr. Anatole Calmels, escultor, autor do frontão da Camara Municipal de Lisboa, collaborador do album—O escultor Teodoro Lopes, autor da «maquette» offerta pela colonia franceza a mr. Loubet—O pintor Columbano, collaborador do album—Lucien Lallemand, iniciador da parte artistica e um dos collaboradores do album.



As festas dos recrutas no regimento de infantaria 16

O general commandante da 2.ª brigada de infantaria e a commissão dos festejos: Primeiro plano (da esquerda para a direita) srs. coronel Elay de Vasconcellos, general Costa Monteiro, tenente-coronel Judas da Costa, tenente-ajudante de brigada ass.—Segundo plano: srs. tenente Castanheira Nunes, alferes Pestana Lopes, alferes Victorino Guimarães, capitão Vicente Freitas, aspirante-official Cyríaco.



Os officiaes do regimento de infantaria 16.

1, capitão Joaquim Antonio Dias—2, capitão Alfredo Adolino Saldanha—3, major José Justino Botelho Montez Teixeira—4, coronel Alexandre Elay Pereira da Rocha e Vasconcellos—5, tenente-coronel Antonio Teixeira Judas da Costa—6, major capitão Celestino Aites—7, capitão Boaventura de Noronha—8, capitão Miguel Augusto de Souza Carreira—9, capitão Adolfo Carlos Cruz—10, alferes Antonio José Martins—11, capitão de 1.ª classe José Pedro Lopes dos Santos—12, alferes Americo Maria Bizar de Sousa Dóres—13, alferes Antonio Maria Cardoso Salgado

—14, tenente José Castanheira Nunes—15, capitão João Antonio Correia—16, tenente José Lourenço d'Almeida—17, alferes Fernando Augusto Miranda Ribeiro—18, tenente Luciano Augusto Pires—19, capitão Adolpho Vicente de Freitas—20, alferes Arthur Maria Sobral Carvalho Figueira—21, alferes Jagua Augusto Pinho Garcia—22, alferes Pedro d'Almeida Cruz—23, alferes César Oliveira Almeida Naves—24, alferes-medico Antonio de Mendonça—25, tenente-ajudante Eduardo Miguel Correia—26, alferes Manuel Maria Paucado—27, mestre de musica Martinho Pincho No-

gueira—28, alferes da administração militar Victorino Maximo Carneiro Guimarães—29, aspirante-official Armando de Souza Soares André Ferreira—30, aspirante-official Augusto Nogueira Gonçalves—31, aspirante-official Cyríaco, sra. da Cunha Junior—32, aspirante-official Jatto José Dominguez—33, alferes Ernesto Doral, sra. Lopes—34, aspirante-official Ayres Galtherus Teixeira—35, alferes Duarte d'Assumpção Junior—36, aspirante-official José Henrique Gomes Vieira.



A FESTA INTERNACIONAL DOS TINTUREIROS EM PARIS E LONDRES

De 5 a 9 de setembro de 1904 os tintureiros ingleses realizaram uma deliciosa e instructiva visita aos seus collegas de Paris, sendo a excursão organizada e dirigida pelo importante industrial de Manchester o sr. Jorge Wilkens. Aos tintureiros ingleses a Camara Syndical da Tinturaria de Paris offereceu um magnifico almoço no Restaurant Marguerite, findo o qual todos os convivas se photographaram n'um grupe que foi estam-

pado seguidamente nas paginas da revista que é o orgão da corporação. A essa festa assistiu o d'esse grupo faz parte um industrial portuguez de tinturaria, sendo por elle assim representado n'essa fraterna manifestação aquelle ramo da nossa industria nacional. N'esse anno de 1905 foram os tintureiros francezes pagar a visita aos seus collegas ingleses, que os receberam affectuosa e primorosamente, não só patenteando-lhes, assuas officinas,

como organisando ainda uma excursão aos principais centros industriaes da especialidade na Escossia. Em Londres offereceram-lhes um esplendido banquete nas luxuosas salas do Hotel Russell, congregando-se n'essa festa cordialissima, além dos tintureiros francezes, collegas seus belgas, italianos e assistindo a ella o mesmo industrial portuguez, o sr. Augusto Paiva, proprietario da Tinturaria Luzo-Franceza, de Mathozinhos, Por-

to, que tomára parte já, como dissemos, nas festas e visitas technicas effectuadas no anno anterior em Paris. E' esse banquete do Hotel Russell, em Londres, que representa a estampa que publicamos hoje na *Illustração*, sendo-nos grato que o nome portuguez sempre se inscreva, como se insereveu, nas manifestações de trabalho e da solidariedade internacional, como as ultimas sympathicas festas dos tintureiros de Paris e Londres.

HABITAÇÕES ARTISTICAS

A casa do sr. conselheiro João Arroyo

Agora que se vai desmembrar essa collecção de moveis e de toda a oportunidade publicar alguns dos valiosos objectos d'arte que João Arroyo accumulou com reconhecido gosto, como se demonstra pelo artigo de Carlos Malheiro Dias extrahido das *Cartas de Lisboa* e que em seguida inserimos:

«Em Portugal não são, geralmente, os homens ricos, quem collecta os objectos de arte. São os homens de bom gosto. D'aqui a ephemeridade d'essas collecções. Como o *Conto* de Balzac, o artista adquire incansavelmente todas as obras bellas que encontra ao alcance da sua bolsa. Um bello dia póde encontrar-se arruinado, mas a sua casa é um museu. Só lhe resta vender o museu. E quando, como no caso presente, não é a in-



Conselheiro João Arroyo

dispensabilidade de converter em numerario a riqueza improductiva, que impõe a dispersão das obras de arte pacientemente reunidas, a casa nunca deixa de ser a desproporção entre esse capital morto e a fortuna do individuo. Foi por tel-o comprehendido, que o sr. marquez da Foz vendeu as collecções do palacio da praça dos Restauradores.

Por motivo identico, presumimos nós que o sr. conselheiro João Arroyo vende as collecções do palacio do Santo Antonio dos Capuchos. O artista encontrou-se um dia rodeado do luxo de um millionario. O homem de senso, que dormita no fundo de todo o artista, acordou. A venda, por mais que isso custe á paixão o á vaidade, impõe-se, decide-se, faz-se. Todos aquelles para quem a arte não é indifferente, devem compartilhar do intimo pesar do sr. conselheiro João Arroyo, ao vêr imminente a dispersão de tanta preciosidade, que o seu gosto apuradissimo reunira n'essas salas, ainda tão saudosas



Relogio Luiz XV



Columna esculpida Renascença



Sala das Laças

das festas que o primeiro ministro dos estrangeiros do ultimo ministerio regenerador ali deu!

(Quando as lampadas de ferro forjado e dourado da escadaria e os lustres de Veniza das quatro formosissimas salas illuminavam os pannos de Arrás, os quadros, os estofos de seda e de brocado, os charões, os bronzes, as porcellanas, os crystaes e os moveis de *marquetrie*, o aspecto interior do palacio era, sem duvida, dos que ficam na imaginação e nunca mais se desvanecem da memoria.)

A saudade dos antigos frequentadores da casa da rua de Santo Antonio dos Capuchos evocará o pequeno atrio adornado com cadeiras de espaldar e arcos flamengas, o vestiario com os seus bancos de sola lavrada, a pequena escada, em cujo patamar se desdobra um panno de Arrás, tendo por thema *A Caridade*, em estylo quinhentista.

Depois, a galeria, com *A Virgem e o menino Jesus* do Guido Reni, uma *Batalha* assignada Vou der Meulen, uma *Passagem de Zacarelli*, a *Cruz*, attribuida — não sei porquê — a Carraccio, o *Calvario* de Lucas de Leyde, um *S. Gonçalo de Moraes*, o *Divino*, uma *Descida da Cruz* da escola de Durer, duas *Paizagens* do Salvador Rosa, um *Retrato de dama* Pinzotta, um *Retrato de Jordans*, um *Interior* maravilhoso de Teniers!

Em frente abre-se o sumptuoso salão *Pfeller*, de pa-



A galeria

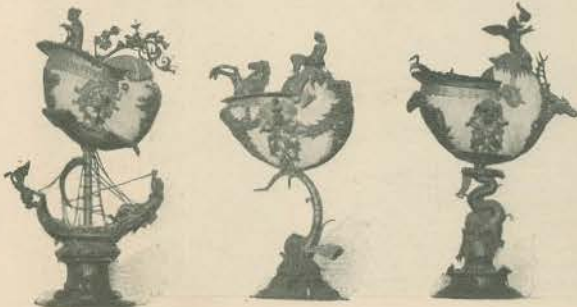
reles forradas a velludo lavrado, vermelho e côr de ouro, e de cujo tecto pende um lustro de Veniza — o lustro de Murano, que foi de Fernando Palha. Ao fundo da sala, desdobrado, o maravilhoso panno de Arrás, representando o *Triumpho de Scipião*, o *Africano*, com 5^m.22 de comprimento por 3^m.38 de alto e a sua moldura em estylo raphaelesco, mal consente que a attenção se reparta pelos restantes adornos: — pequenos quadros gothicos da escola de Memling, de Métris, de Vivarini, expostos n'um buffet; as duas esplendidas commodas florentinas da antiga collecção Bermudes; os contadores indiano e hispano-arabe; o admiravel contador italiano da primeira Renascença, todo de ebano e bronzes cinze-



Lustro de Veniza (Murano) seculo XVI

lados, com pinturas gothicas; as duas soberbas talhas de fundo azul; os grupos rarissimos de antigas porcellanas da China, do Japão e da Corêa; o sofá e as cadeiras em estylo Luiz XIV, dignas de um paço real...

A direita fica a sala Luiz XVI, com as suas duas elegantissimas e preciosas commodas semi-circulares, floradas de embutidos; a sua mobilia, branco e ouro, estofada de seda, com pinturas mythologicas; os seus *habelets* de Sévres e de Saxe, as duas urnas admiraveis de porcellana de Buen Retiro, com guarnições de bronze. A esquerda, a sala dos charões, com as paredes decoradas de tapetes da Persia e de Arrayolos, de colchas da China e de pannos lavrados de Genova, com cereaduras em estylo de Renascimento. A memoria perde-se entre tanta abundancia de preciosidades. Uma es-



Pratos para fructa, trabalho veniziano de seculo XVII



Vaso de bronze japonês



Salão Pele-Méle

plata flamenga, de charão vermelho com ornatos dourados, attribuida, como a espineta preta do marquez de Vallada, ao mobiliario da madre Paula! Uma colleção infundavel de bronzes orientaes, esmaltados e incrustados de ouro! Tres bahus sumptuosissimos de charão!



Sala de jantar flamenga

as bergères, os toucadores... E quando, d'essa atmosfera de galanteria, evocadora de cabelleiras empoadas e faces mosqueadas, se passa á sala de jantar, com o lambris guarnecido de louças da India, o fogão monumental carregado de pratas como um throno de altar-



Salão Renascença

Uma commoda e uma papeleira acharoadas! Todo um muzeu que um millionario americano transportará talvez intacto para o seu palacio da 5.ª Avenida, em Nova York.

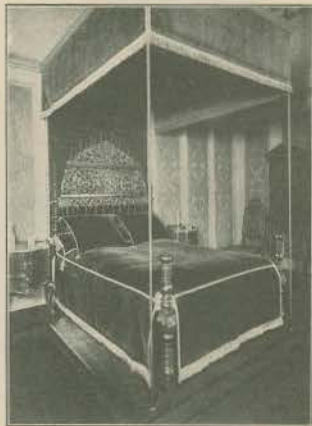
Finalmente, ao fundo, a sala Renascença, com o seu



Leque Luisiz XV

em estilo Luis XIII, com o b-leito de pau santo sob um baldaquino de velludo vermelho escuro, suspenso do tecto por cadeias de ferro trabalhado em espiraes e fl-res; depois o *bonitoir* Luis XV, o *quarto de toilette* Luis XVI.

Impossivel seria, n'vista evocação rapida, demorar a vista em cada preciosidade, e tantas ellas são, surgindo « crescendo de toda a parte, e de cada parede, de cada vão, de cima de cada movel. I desorientando o espirite mais methodico, desafiando a a predigalidade do mais avaro. Succedem-se os tremós, e, os espelhos, as placas de bronze cinzelado, as porcellananas, os *crystals*, os pequenos *sopahs* galantes do tempo e das secias e dos francos,



Quarto de dormir Luis XIII

mór em domingo de Ramos e os seus dons soberbos armarios, hollandezes, tem-se a impressão de caminhar ao avesso no tempo, n'uma revista retrospectiva das artes e dos costumes.

CARLOS MALHEIRO DIAS.



Salão Luis XVI



Gabinete de trabalho



A FESTA DOS RECRUTAS NO REGIMENTO DE INFANTARIA 16. O ajudante do regimento lendo a allocução do coronel

Essa festa militar, a primeira no genero em Portugal, agradou plenamente, porque representa um largo avanço social e esse caminhar do progresso é sempre bem recebido por todos os espiritos. A obra dos officiaes de

infantaria n.º 16 é, sem o parecer, uma enorme iniciativa dentro das fileiras. Em França, estabeleceu-se ha muito esse systema de tratar os recrutas, de os receber com sorrisos, de lhes mostrar que o seu papel ali dentro

do regimento é de homens e não de servos. A propria Alemanha festeja o dia da chegada dos novos soldados incentivando-lhes assim o amor pelo regimento que na França é por vezes tocante e extraordinario. O soldado

assim tratado deixa de tremor diante do official como se elle fosse um terrivel soberano; cumprindo o seu dever, tem a certeza que lho farão justiça. E o soldado desde logo se esforça por cumprir-o integralmente, a fim

de, com o respeito que vota aos seus superiores, receber o que elles devem á sua qualidade de cidadão. D'este mutuo cumprimento de devores nasce o maximo da disciplina e d'este modo o exercito chega a preencher o

seu papel de mantenedor da integridade da patria, isto de maneira consciente desde que se vê no soldado o cidadão.

O PAGEM

N'uma linda manhã de maio, de céu azul e mar tranquillo, Catharina, toda vestida de branco e abrigada por uma sombrinha de seda azul claro, a que o sol dava reflexos d'opala, caminhava sósinha na estrada, que se estendia ao longo da costa, entre um cerrado pinhal e os altos rochedos, que irrompiam da areia da praia, como se houvessem sido impellidos pela violencia de uma erupção. A sua figura elegante e franzina destacava-se de perfil no fundo verde do arvoredo. De repente, do muro tosco que limitava o pinhal saltou á estrada um rapaz alto, vestido de marujo, com uma camisola azul de malha e calças de branqueta. O barrete de lã escarlate, que trazia collocado para a unca, deixando livres sobre a testa os cabellos louros e rizados, e a barba tenue e fina, como a primeira barba dos adolescentes, davam-lhe o aspecto pittoresco d'um joven gondolero veneziano. Catharina, logo que o avistou, acenou-lhe de longe com a sombrinha; e, apenas se aproximou d'elle, disse-lhe, sorrindo:

—Viva, *pagem!* Como é que estás aqui, tendo eu saído antes?

O marujo, um pouco hesitante e baixando os olhos, respondeu:

—Desconfiei de que a menina Kate viesse para a praia e metti a mão pelo pinhal.

irregularidades da pedra encontrou ella um banco natural, em que se sentou, abrindo novamente a sombrinha para se abrigar dos raios do sol. O marujo sentou-se no chão, aos pés d'ella, contemplando-a silencioso.

—Sabes, João... — disse Catharina.

—Não me chame João, menina Kate — interrompeu o rapaz, supplicante — não me chame João, chame-me *pagem*, como me chamou sempre.

—Bem, Sabes, *pagem*, que vou casar?

—Já sei — respondeu seccamente o marujo, olhando para o mar.

—E que vem ahí amanhã o meu noivo?

—Vem ahí o seu noivo? — disse elle, voltando-se de repente.

—Vem. Has-de gostar d'elle. Também é marujo como tu. E' tenente da armada e já andou pela Africa, pela America, pela China... por muitas terras.

—E quando é que a menina Kate casa?

—Depois d'amanhã.

—Ah!

—Já disse a tua mãe que queria que tu e ella fossem á igreja.

—Eu não vou — affirmou o marujo.

—Não vae? Porque? Não é meu amigo?

O rapaz ficou com uma dolorosa expressão de ternura os olhos de Kate e disse:

—Se não sou seu amigo? Sou muito seu amigo, sou, mas...

—Mas o quê? — perguntou Catharina, vendo o marujo embarçado e hesitante na resposta.

—A menina Kate saberá amanhã o motivo por que não posso ir.

Não disse mais. Voltou novamente os olhos para o mar e ficou por muito tempo calado. Catharina, surpreendida pelas palavras do rapaz e ainda mais pela expressão attribuída da sua physionomia, estava longe de suppor a causa de semelhante resolução. Ouviu-o respirar com a oppressão de quem se esforça por reprimir as lagrimas. A compaixão

ramente restabeleceida. Todos os dias, antes d'almoço, e á tarde, antes do jantar, seguia-se em nos seus passeios; brincavam juntos na praia; ou entrava pelo mar dentro para encontrar as conchas mais bonitas que lhe offecia. Lembra-se, menina Kate?

—Lembro-me, sim. Foi desde então que comecei a ser tua amiga.

O marujo continuou:

—Quando se foi embora, o que eu chorei!

—E eu tambem.

—Mas eu até fiquei doente, porque não podia dormir, nem comer, e todo o dia andava muito triste, tão triste, que até caí de cama, com febre...

—Mas tudo isso passou, e agora.

—Menina Kate — implorou o rapaz, estendendo as mãos em supplica — deixe-me dizer-lhe tudo.

E proseguiu:

—Voltei dois annos depois; mas, d'essa vez, era na estação de banhos. Quando eu enfiado a vi, fugi correndo. Foi a menina Kate e a *miss Jenny* que me chamaram, e que insistiram para que eu as acompanhasse. Era já tão crescida e tão linda! Andava sempre vestida de branco e trazia sempre nos cabellos uma fita de setim, umas vezes azul claro, outras vezes cor de rosa... Na praia, obrigava-me a brincar consigo e com as suas amigas, e, quando algumas d'ellas se negavam, por eu ser um pobre, a menina Kate chamava-me para junto de si e zangava-se com ellas. Então brincavamos os dois sóz. Logo pela manhã muito cedo, eu saltava ás escondidas o muro da quinta do morgado para lhe trazer as flores mais bonitas que por lá havia. Até me lembro de que um dia o cazeiro, tendo-me apanhado no jardim a roubar as flores, me bateu muito; e eu nem me queixei, nem chorei, para que a menina Kate o não soubesse.

—Pobre *pagem!*

—D'essa vez, ao partir, a menina Kate ia a chorar.

—E' verdade — concordou Catharina — e até me lembro de que fiquei muito arreliada, porque tu não choraste!

—Não — disse o marujo — não chorei no momento em que partiu a carruagem; mas, apenas a perdi de vista, fui a correr para a praia, dei-me de bruços na areia, e estive a chorar toda a manhã.

—Pobre *pagem!*

—Passados dois mezes, comecei a ir ao mar na catraia de pescadores do tio Paulo, e todos os dias contava o tempo que faltava para que a menina Kate voltasse a tomar banhos. Não vaei dois annos seguidos...

—Fui um anno para a Suissa e outro para uma praia da Normandia.

—Fiquei tão triste — continuou o rapaz — que, apesar da minha mãe não querer, e desatar a chorar, embarquei como moço na galera *Constantina* e fui para a Africa. Por lá andei oito mezes, de lá passei para a tripulação de uma galera hollandeza, que ia á India; e nunca, menina Kate, nem por essas terras estrangeiras, nem no meio do mar alto, nunca, nem um só dia, eu deixei de pensar em si. Quantas vezes, á hora em que o sol descia no mar, eu me deixava ficar dobrado na amurada do navio, a olhar para as ondas, e a pensar se não seria mais feliz deitando-me d'ali abaixo, para acabar de uma vez, do que andar n'este mundo a padecer com esta grande saudade que trago no coração! Era então que me lembrava da minha pobre mãe e creava coragem para continuar a soffrer.

—Que loucura e que grande peccado tu farias, *pagem!* — exclamou Catharina.

—Sabe-o Deus, se seria ou não loucura! — replicou elle. E estendeu os olhos pelo mar, ficando absorto.

Catharina olhava-o com tristeza, commovida por aquella revelação feita com tanta sinceridade.

O marujo, ao cabo de um curto silencio, continuou:

—Quando ahí appareceu o anno passado a menina Kate, já uma senhora, tão esbelta, tão perfeita, é que eu percebi bem a distancia da minha condição. Pobre marujo!

—Não sejas ingrato, *pagem!* — atalhou Catharina. — Eu tratei-te sempre com a mesma amizade.

—E' verdade que tratei, e que eu lhe agradeço muito, menina Kate. Mas, que quer? Já não era para mim a mesma! Já pela manhã para a praia com a *miss Jenny*, e ali ficava n'um rancho com as suas amigas. Os homens approximavam-se, falavam-lhe, riam-se; e eu, escondido entre os penedos, via-a de longe e a medo, e quando a menina Kate voltava para casa, eu mettia-me ao pinhal, e vinha-a seguindo, espreitando por entre os troncos das arvores.

Catharina collocou-lhe affavelmente a mão no hombro e exclamou:

—Que bello coração o teu!

O marujo tomou-lhe do repente a mão e beijou-l'ha soffregamente, chorando e soluçando.

Quando o marujo enxugou as muitas lagrimas no punho da camisola, Catharina perguntou-lhe:

—Mas, disse-me, tu não querias que eu casasse?

—Não — respondeu elle com firmeza. — Não. Eu queria que a menina Kate fosse — uma comparação — fosse como é o sol, entendes como é o sol, que nos aquece e nos alumina a todos igualmente e que não é de ninguém; é só de Deus.

E depois, sorrindo sobressobre, mas com a voz ainda embargada pelos soluços, acrescentou:

—Perdó-me, menina Kate, perdó-me, que eu nem sei o que digo!

Catharina levantou-se. Estava profundamente enternecida. Não a accusava a consciencia de, por qualquer



—E para que não vieste commigo?

O rapaz arguiu para ella os olhos n'uma expressão de carinhoso reconhecimento, e encolheu os hombros sem responder.

—Vamos passear — disse Kate.

Continuaram ambos pela estrada, Catharina á frente e o marujo um pouco affastado, como um cão humilde, que vae seguindo submisso os passos do seu dono. Foram durante algum tempo callados. Ouviu-se, d'um lado, o marulho brando das ondas, que, d'espaco a espaco, vinham espraia-se, deixando ficar recordada e palpitante na areia uma orla de espuma branca, como uma fina guarnição de renda, e do outro, o discreto e continuo murmúrio que produzia a areagem ao passar de leve na rama espessa do pinhal.

Catharina parou, e, apontando para um montão de rochedos escarpados, que desciam até ao mar, disse ao marujo:

—Vamos para ali.

O marujo, então, caminhou á frente, e, logo que poz o pé na primeira rocha, voltou-se para traz e estendeu a mão a Catharina para a auxiliar a transpor as anfractuozidades da penedia.

—Não tenha medo, menina Kate.

—Não tenho nenhum — disse ella.

E, fechando a sombrinha, foi saltando graciosamente, a rir, pé aqui, pé ali, até chegar a uma rocha mais alta e mais espacosa, raras vezes attingida pelas ondas. Nas

ou talvez a curiosidade levaram-na a insistir na pergunta.

—*Pagem*, olha para mim.

O rapaz voltou-se. Sorria-se contrafeito, mas tinha os olhos marejados de lagrimas.

—Porque não vae? — perguntou outra vez Catharina.

O marujo esteve um instante sem responder, olhando fixamente para os olhos d'ella; e, depois, como quem se decide a praticar um aceto que reclama uma resolução suprema, disse:

—Já que a menina Kate o quer saber, ahí vae.

Na attitude de um réo que se decide a confessar todo o seu crime, com a cabeça descaída sobre o peito, o olhar vago e a voz tremula, o marujo, sentado aos pés de Catharina, fez a declaração do seu immenso e mallogrado amor. A' proporção que ia falando, sentia-se menos opprimido, como um enforcado que se sente mais aliviado, ao ver correr o sangue de uma ferida aberta que o atormentava.

Lembra-se — disse elle — da primeira vez que eu a vi? A menina Kate tinha vindo da cidade para convalescer de uma febre que a ia matando. Eu tinha então doze annos e a menina Kate devia ter dez. Era no mez d'abril. Chegou com sua mãe e com a mestra inglesa, *miss Jenny*, e foi ella, a *miss Jenny* que, como eu era muito louro, e todas as manhãs a esperava para a acompanhar, de longos, até á praia, começou a chamar-me o *pagem*. Esteve aqui dois mezes até ficar inte-



forma, por um simples devaneio, por uma irreflectida palavra, que representasse um incentivo ou sequer uma vaga e fugitiva esperança, ter suscitado aquelle amor. A differença no nascimento e na educaçao e a distancia que os extremava na hierarchia social nunca permittiram a Catharina a mais remota supposiçao de que pudesse um dia amar o marujo, ou ser amada por elle.

A confissão, porém, tinha sido tão leal, exprimiua uma dedicação e uma ternura tão sinceras, que seria demasiada crueldade invocar a superioridade da sua condiçao em confronto com a humildade do rapaz, e repellir-lhe altivamente o amor, n'um fletico impulso do orgulho ultrajado. Não; a aquelle momento, ao sentimento de gratidão, natural em toda a mulher pelo homem que lhe declara o seu amor, atada quando essa declaração seja, muitas vezes, uma irreverencia ou uma affronta ao pudor, juntava-se a compaixão que lhe inspirava o soffrimento irremediavel do pobre marujo, soffrimento de que ella involuntariamente havia sido a causa. Em qualquer mulher, a indignaçao em tuas lances é apenas apparente; no fóro intimo, cede sempre á satisfacção da vaidade lisongeira. Em Catharina, que tinha pelo marinhoiro um affecto quasi fraternal, aquella paixao, a que não podia corresponder, causava-lhe uma grande magua. Sofria do o vêr soffrir.

Voltaram ambos para casa. Catharina, ao transpôr os rochedos, dispensou o auxilio do marujo. Ao pisarem a estrada, perguntou elle com humildade:

— Posso acompanhá-la, menina Kate?

— Pedes, é claro — respondem ella.

E, durante o caminho, foi falando da belleza do dia, da serenidade do mar, esforçando-se por não deaunciar a minima commoção.

O marujo, com as mãos cruzadas atraz das costas, os olhos postos no chão, erguia ao lado, cabisbaixo, sem responder.

Ao chegarom á habitaçao em que morava Catharina, na praça da villa, e de que era um antigo palacete, fronteiro á casa terrea, de terra vã, com uma porta e uma pequena janella de peitoril, em que na companhia da mãe vvia o marujo, tirou elle respectivamente o barrete, Catharina estendeu-lhe affectuosamente a mão.

— Adusa, pagem.

O rapaz empallideceu; e, sem aceitar a mão, balbuciou:

— Menina Kate, queria pedir-lhe um favor.

— O que é?

— E' que fizesse de conta que eu lhe não disse nada, e que me perdoasse o meu atrevimento.

Como resposta, Catharina insistiu em apertar-lhe a mão, dizendo:

— Quero que sejas sempre muito meu amigo e que não penses mais em tolices.

E, ao transpôr o limiar da porta, voltou-se para traz e disse-lhe adeus, sorrindo.

A manhã do dia seguinte passou-a o marujo encostado á humberreia da porta, a fumar cachimbo. Viu chegar a carruagem que conduzia o noivo de Catharina, e

via-o apelar-se, sendo esperadho festivamente á entrada por miss Jenny. Era um rapazas elegante, moreno, de olhos pretos e barba castanilha, apurada em bico, como os retratos do duque de Guisnes. Trajava um fato de fiavelha branca e chapéu de palha. Depois de saltar da carruagem, retirou de dentro uma grande caixa com rosas, que passou cuidadosamente ás mãos do criado, e alguns embrulhos de papel de seda, que elle mesmo levou consigo.

O marujo não se desviou i do lugar. Olhou o official com fingida indifferença, sacudindo na palma da mão a cinza do cachimbo.

Decorrida uma hora, Catharina e o noivo appareceram á porta da casa. Vinha emcantadora Catharina, com um vestido do linho cor de peneira, sem offetos que lhe occultassem os graciosos e virgínicos contornos do seio e da cintura, e um largo chapéu de palha, guarnecido com um molho de flores empapeadas. Ao deparar-se-lhe o marujo, acenou-lhe amigavelmente com a mão. O rapaz tirou respectivamente o i barrete e empallideceu. Appareceu em seguida miss e Jenny, que, ao vêr ali o marujo, yarou, dizendo:

— Oh! há que tempo que teie não vejo! Não vens com-nosco á praia?

— Não posso, miss Jenny. V'ou arrastar o meu barco, porque tenho de ir ao mar. V'ou muito longo.

— Muito longo?! — exclamou a a inglesa, a rir e calçando as luvae. — Muito longe n'um b'barco tão pequeno?

— Para a viagem que vou fazer — respondeu o rapaz — serve muito bem.

— Então, ad-us.

E partiu apressadamente para alcançar os noivos, que se tinham adiantado a caminho da praia.

O marujo mettuu pelo pinhal. Quando os noivos e a inglesa chegaram ao montão de rochedos, que subiam do mar até ao nivel da estrada, ouviram martellar em baixo, no aroal. Olharam e v'iram o marujo mettido no barco, que estava em seccoço. O rapaz estava de costas para terra, debruçado sobre o fundo do escaler, dando golpes de martello sobre o e cabo do um formão. Os noivos e miss Jenny transpuzeram a penedia e foram sentar-se na mesma rocha onde que na vespera estivera Catharina. A principio, miss Jenny comeceou-vou-se-sentada, a lór, junto dos noivos; depois, observando que elles falavam em segredo, levantou-se e affastou-se discretamente, como se a interessasse gozar o panorama de um outro ponto de rochedo. Ficaram, pois, Catharina e o noivo sentados um junto do o outro, e tão concentrados nos protestos, que reciprocamente faziam, que lhes era indifferente tudo o que os cercava. Era o eterno enlredo dos dois namorados de Diderot, para os quaes o mundo se resumia na curta distancia a que os olhos d'um aos olhos do outro, e que os deixava ficar por longo tempo arrotados na mesma aspiraçao ideal, silenciosos e extacticos, de mãos enlaçadas e o os coraçoes palpitantes sob a inoffensiva e penetrante exaricia do amor.

Nesse tempo, o marujo tinhãa torcido a obra do barco: e com o auxilio de um formão abria, entre as duas

cavernas contraes, proximo da quilha, um braco de cada lado, que obstruía com uma especie de batoço envidro o escalar ao mar. Logo que lançou o escalar ao mar, saltou para dentro, e com uma corda atou os joelhos ao banco central, de modo a que o seu corpo ficasse bem preso á embarcaçao. Em seguida tomou os remos e dirigiu-se para o mar largo. Andou durante algum tempo a bordejar em frente dos rochedos com a proa voltada para terra.

Catharina, de quando em quando, olhava distrahida para o mar, sem prestar attentão ao escalar.

Era uma formosa e tepida manhã de primavera. Ao longe, na linha do horizonio, as velas das lanchas de pesca, que pareciam pennas brancas espetadas obliquamente no azul do mar, reproduziam-se invertidas na superficie calma da agua, como na superficie polida de um espelho. A o norte, a grande distancia da costa, uma tenue nuvem de fumo, que facilmente se dissipava no espaço, denunciava a presenca de um vapor.

N'um lance de mais effusiva ternura, o noivo pegou na mão de Catharina, acariciou-a e beijou-a; e ella, n'um languido movimento de carinho, com os olhos fechados e o seio arqueante, deixou pender amorosamente a cabeça sobre o hombro d'elle.

O barco approximou-se então rapidamente da costa e Catharina ouviu pronunciar o seu nome:

— Menina Kate!

Era o marujo, de pé no meio do escaler, tendo abandonado os remos.

— Menina Kate! — gritava elle.

Catharina, reconhecendo a voz do rapaz, olhou e acenou-lhe com o lenço.

O noivo olhou tambem para o barco: mas, de repente, levantou-se sobressaltado, e exclamou:

— Aquelle barco está a metter agua!

Effectivamente, a agua entrava pouco a pouco no barco pelos dois buracos, que o marujo desatparãa. Ia-se submergindo lentamente; e o marujo, sempre de pé, com os braços cruzados sobre o peito, os olhos fitos no rochedo, não fazia o menor movimento.

Catharina ergueu-se assustada, e, adiantando-se afficta até á extremidade da rocha, começou a chamar:

— *Pagem! pagem!*

Avistava-se apenas o rebordo da amurada fluctuando já ao nivel da agua; e a figura do *pagem* conservava-se immovel, emergido do meio das ondas, erecta e serena como a ativa figura de um Tritão.

O noivo e miss Jenny correram para junto de Catharina, que stava ansiosa o barco, acenando como louca, com os braços estendidos para o mar, chorando e gritando:

— *Pagem! pagem!*

Quando a agua attingiu o marujo pela cinta, levou elle ambas as mãos aos labios e lançou um longo e derradeiro beijo de despedida, exclamando com todo o vigor da sua voz, como n'um arranco extremo:

— Menina Kate! menina Kate! menina Kate!

E desapareceu de todo, afundando-se no mar azul, em cuja superficie serena e magostosa, resplandecendo de scintillações do sol, houve apenas um ligeiro torrelinho, um rapido estremeçimento da agua, ao sepultar aquelle heroico e sublime martyr do Amor.

ALBERTO BRAGA.





Sr. vice-almirante Brito Capello
Ajudante de campo de S. M.



Sr. Eduardo Villaça
Ministro dos negocios estrangeiros de Portugal



Sr. conde de Arnoso
Secretario particular de S. M.



Sr. conde de Tarouca
Camarista de S. M.



Sr. conde de Sabugosa
Mordomo-mór



Sr. major Garcia Guerreiro
Official ás ordens de S. M.



Sr. capitão-tenente Pinto Bastos
Official ás ordens de S. M.

A comitiva de S. M. el-rei na sua viagem a Paris onde vai retribuir a visita que o presidente da Republica Franceza fez a Portugal e cuja partida se effectua hoje



Sr. Barbosa Colen
Continuador da Historia de Portugal começada por Pinheiro Chagas e director do jornal *Novidades* depois da morte do illustre jornalista Emygdio Navarro



Suzanne Després
A grande actriz que desempenhará hoje no theatro D. Amelia; as peças *Les Remplaçantes* de Brieux e *Ille Paix chez soi* de Courteline



Sr. Alberto Braga
Escriptor e dramaturgo e auctor do conto *O pagem* que a *Illustração Portuguesa* publica



A VIAGEM DO REI DE HESPAÑHA A BERLIM - A desfilada das tropas em frente do paço real: Passagem dos couraceiros

(Segundo photographias)

A visita do rei de Hespanha á Alemanha e á Austria estreitou as relações d'esses países conforme disse o príncipe de Bulow, chanceller do imperio, a um jornalista hespanhol que o entrevistou. O chanceller negou também que houvesse opposição ao casamento do rei de Hespanha com uma princeza alemã e para demonstrar isso citou o acolhimento fervoroso que se fez

ao joven monarcha. Por tódta a parte o mesmo enthusiasmo o acompanhou tanto na presença da familia imperial como entre os seus officiaes de Magdeburgo, tanto no meio do povo como nua caçada, como em Potsdam. Os brindes trocados bem i demonstraram que Guilherme II deseja captar as sympathias da Hespanha para a applicar talvez aos designios da sua politica açambarca-

dora. No entanto Bulow foi declarando que as sympathias da Hespanha por outros povos em cousa alguma faziam mal ás suas relações com a Alemanha, que d'ellas não seria coisa. Em Vienna, onde Alfonso XIII chegou a 13 de novembro, as manifestações populares foram mais intensas que as de Berlím, o que não admira pois o rei é filio d'uma archi-duquesa austriaca.



RECLINADA SOBRE UM GRANDE SOPHÁ, SÁDIA OBSERVAVA KANYADJE

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLI-BRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

Mas Mérando permanecia sempre silencioso. Dissimulava a sua angustia sob a rigidez propositada das feições, sob a contração hermética dos lábios.

Perante esse mutismo, cuja razão elle adivinhava, Timour não esteve para mais, e disse n'um tom altivo e quasi ameaçador:

— Sabeis o que vos espera, se recusardes seguir-me. Tendes reflectido? Responde!

Mérando tinha com effeito reflectido, enquanto o condusiam a Timour, e enquanto Timour falava. O pensamento do acrosioto não lhe sahia da cabeça; era um meio de evasão, bom pouco seguro, obscuro, mas real. Gra-

nhar tempo era na occasião tudo o que elle podia desejar. E contava com a imposição de Timour; comprehendera o interesse que Timour tinha em seduzi-lo, a elle e aos seus companheiros, pelos serviços que esperava d'elles.

Responder-lhe com a firmeza de resistencia que tinham mostrado na sua primeira entrevista iria sem duvida nenhuma irrita-lo, e a sua morte seguir-se-hia fatalmente. Era mister usar de artificio com o homem terrível.

Em summa, Mérando não era só responsável pela propria vida; tinha nas suas mãos a dos seus amigos. Em-

quanto tremia de parecer somente enfraquecer, hesitar, o seu orgulho de europeu, o sentimento do seu dever, iam de encontro á brutal realidade dos factos. Trahir a Europa, não se tratava de semelhante infamia; mas tentar defender a sua vida, e talvez de salvar a Europa, se conseguissem evadir-se.

A pergunta imperiosa de Timour, Mérando estremeceu interiormente; todavia, estava prompto a falar e fe-lo dizendo:

— Pedis-me que responda. Posso porventura fazê-lo? Falas-me da morte da Europa, como se estivesse proxima. Mas para que é poupar-nos? Para paga dos nossos ser-

riçoz? Que serviços esperas, pois, de prisioneiros fracos e impotentes?

Uma ironia amarga e triste separava as palavras de Mérande.

Nos olhos de Timour brilhava um contentamento orgulhoso. Esperando um «não», no menos como primeira resposta, tão categorica como no Lob-nor, preparava-se para a lucta. A interrogação de Mérande, pelo contrario, indicava que elle consentia em discutir condições. Mas Timour não podia descurtir toda a habilidade da questão proposta. O seu instincto de asiatico desviou, contudo, em parte a sua replica:

—Mérande—o o tom da sua voz tornou-se quasi familiar—sabes que vos conheci, que conheci vossa paiz. Também conheci Kovlof, que morreu desgraçadamente. Sois homens de elevada intelligencia. Não comprehendes que o mundo vai mudar? Lanço a tempestade... agora... a vingança da Asia, mortificada pela Europa, caminha atrás de mim. Mas, terminada a victoria, quero fundar o imperio dos tempos novos, reconciliar a Europa e a Asia... Digo-vos isto a vós.

E o accento de Timour, que se tornara solenne, rebentou n'uma curta risada, que resou de modo estranho n'este dialogo commovente.

—Sois a vós, proseguiu Timour, eu não confiaria este fundo do meu pensamento aos lamas: gritariam anathema!

Aproveitando esta exclamação imprevista, Mérande rodarguiu:

—Recuo que vos enganais e que o vosso genio se illuda quanto á sua força. Será, com effeito, a Asia capaz, sendo de vencer, de mudar a face do mundo? Hoje arrastais convosco a Asia, amanhã ella será mais forte do que vós. No refluxo inevitavel que succederá á vossa aterrorosa invasão, ella vos ha de arrebatrar, esmagar, e tornará a cahir na sua immobidade fatal. Tereis feito morrer inutilmente milhões de homens.

—Os homens não se contam entre o grande numero... Não discutas, Mérande, com o Destino. Perguntaste-me quem eram os serviços que eu esperava de vós?... Seguir-me, pôr nas minhas mãos a vossa intelligencia, a vossa sciencia. Necessito de homens como vós, e um dia tereis orgulho de me haver comprehendido e servido.

Desta vez a proposta era clara, e Mérande já não podia esquivar-se.

—Trahir a Europa, disse elle, é ainda o que vós me pedis. De certo, admiro a vossa illusão e a vossa força, e comprehendo que tentes atrahir-me em torno de vós essas multitudes asiaticas. Mas, suppondo que em tíveis a fraqueza de proceder como ellas, ainda daviado da vossa victoria. Vejo os milhões de homens, vejo o chefo supremo, não vejo o que opporeis aos soldados europeus, armados com todos os engenhos novos que a sciencia lhes deu, conduzidos por capitães experimentados, unidos pela disciplina e do sentimento da patria.

—Essentae, Mérande. Eu vos digo o que fiz... Em cinco annos, no Kan-su, reuni o material da invasão, enquanto os meus agentes os lamas, pregavam a guerra em todo o mundo amarello. Sem que a Europa desse por tal, andou por dez milhões de peças, de armas e de engenhos que compré. Fizei a minha provincia ás indescricções. Mandei construir a via ferrea de Kan-su ao Lob-nor com uma rapidez incomparavel, á força de homens! Com essas machinas novas, que descontrolam os ralls sobre as terras niveladas, andámos 10 kilometros por dia.

—Transportei durante dois annos milhares de toneladas de viveros, occultos sob as areias do deserto. Organizei a invasão só por mim, com alguns chinezes, japonezes e aventureiros europeus.

—Posso todos os engenhos novos, torpedos electricos, carros-metralhadores, aerostatos blindados... os mesmos que dirigiste em Paris...

Mérande julgou a proposito deixar escapar uma exclamação de surpresa. Escutava com avides essa ommunicação grandiosa da obra de Timour, da propria boca do autor. O descobrimento do doutor Van Korsteen acabava de ser-lhe confirmado... pelo Senhor. Ao mesmo tempo, não podia deixar de estar deslumbrado, e o seu pensamento transportava-se com recuo á Europa. Perguntava a si mesmo se ella estava informada, se marcaria milha, se os Estados não se deixariam esmagar uns apez outros.

Deixava transparecer a sua perturbação, a sua commoção... Timour quiz completar a derrota:

—Seréis o meu immediato, dirigiste toda a guerra sciencia, e o vosso destino será unido ao meu... Outros o presentiram já. A vossa companheira Nadia...

Mérande stalhou vivamente:

—Nadia trahi-nos, não é assim?

Mas contive-se, recordando-se do que Kanyadjé lhe tinha dito.

—Socega. Nadia não vos trahi; conserva-vos, pelo contrario... Comprehendo o meu destino...

Mérande retrahia-se, como no começo da entrevista; do subito interrompou Timour:

—Vejo que sois um seductor... Tenho necessidade de reflectir o de vos os meus amigos. Mandas reconduzir-me para junto d'ellas... Conceder-nos-heis ainda alguns dias para reflectir?

Timour fez um gesto de surpresa, que logo reprimiu.

—Alguns dias, não, disse elle, um dia só... Amanhã á noite me respondereis. Já não tenho tempo para esperar. Ide.

E bateu no gong.

Tornou a apparecer o mesmo official, que Mérande

seguira. A' sahida voltou-n-a-e, Timour olhava para elle...

—Amanhã á noite, repetiu Timour. E o reposteiro fechou-se.

VV

NADIA E KKANYADJÉ

Reclinada sobre um grande sofá do Turkostan, Nadia observava Kanyadjé accocorada sobre os grossos tapetes. Das perolas, que uma a serva lhe ia passando ás mãos, a donzella ia compondo flos d'ellas silenciosas, parecia absorvida n'essa occupação absolutamente machinal, mas o olhar attento de Nadia perrebia sob essa tranquillidade apparente n'uma preocupação interior, que se manifestava por gestos n'uma pouca febril, e alternativas de pallidez e de rubor que subiam ás faces.

Entre as duas mulheres pperstia n'uma hostilidade, ou antes Kanyadjé mostrava a Nadia n'uma frieza continuada, desde o dia em que esse pae lhe tinha dito que a servisse como sua mãe. Durante os dias de marcha que arrastavam a comitiva de Timour, pelos caminhos da invasão, tinham ambas vivido na ignorancia de que se passava em torno d'ellas. Fóra-lhes poupada a fadiga

Nadia queria, contudo, saber o que se passava no espirito de Kanyadjé; sentia tambem a necessidade de se expandir e de encontrar n'uma amiga no coração de quem pudesse verter a sua dor e firmar um apoio para o futuro.

E continuava a observar Kanyadjé. A filha de Timour sentia esse olhar, e esforçava-se por não erguer a cabeça. Mas estava tambem no mesmo estado de alma de Nadia, e ainda que por differente motivo, o mesmo sentimento, que ellas ignoravam ambas, approximava as duas mulheres.

Foi Nadia quem falou primeiro: —Kanyadjé, porque não queres ser minha amiga? —A donzella estremeceu. E, de embarcada, não deu resposta. Mas Nadia, deixando a sua languida posição, ergueu-se, e, acercando-se de Kanyadjé, sentou-se ao lado d'ella, e, com um gesto maternal, cingiu-lhe o pescoço, sem dar palavra.

Esse primeiro signal de ternura, do qual a donzella tinha sido privada desde longo tempo, distendeu-lhe subito os nervos contrahidos. Apez a sua entrevista com Mérande, Kanyadjé havia repellido esse ciume instinctivo, que a tinha armado contra Nadia desde o momento em que ella a vira ao lado do seu pae, e em que percebera o desespero dos europeus desamparados por ella.

Sabia agora que Mérande não amava Nadia, e acreditava que Nadia amava seu pae. E, por n'uma dessas evoluções tão frequentes nas mulheres, o seu coração abriu-se cheio de confiança n'aquella que devia servir-lhe de mãe. Inclinou a cabeça sob a caricia de Nadia, e deixou a cahir no hombro da joven esposa, que docemente lhe beijou a fronte, sollando d'este modo a sua unico debateo da tormenta.

Kanyadjé olhou para Nadia, e com um sorriso quasi zombeiro:

—Não me haveis, pois, conhecido? Vós sois apenas uma vez antes da vossa chegada ao acampamento, e nunca a minha memoria se esqueceu do vosso rosto!

Nadia tinha desviado Kanyadjé, e remirava-a attentamente.

—Parece-me, com effeito, ter-vos visto outr'ora, mas as commoções que tenho experimentado ha quatro mezes perturbaram o meu espirito.

—Não vos recordas da joven tatar que o commandante Mérande trouxe meio morta de frio ao acampamento da missão?

—Sim, sim, recordo-me; mas estaveis tão pallida e em tão lamentoso estado! só vos entrevi para vos prestar alguns cuidados. Em mesma estava doente, com os olhos cegos da areia que entrava por toda a parte. E' por esta causa que, vindo-vos a algumas vezes, tinha n'uma vaga recordação de vos ter conhecido... Com a só differença de vos tornar a ver bella, deslumbrante, a filha de Timour!

—Tornei-vos tambem a ver amada de meu pae, mais bella do que eu. Detestei-vos porque meu pae vos amava, porque trahisteis os vossos amigos, porque...

—Porque?

—Porque acreditava... que amavais Mérande.

E Kanyadjé deixou cahir a cabeça, que se cobria de rubor, no seio de Nadia.

Um raio que cahisse aca pé de Nadia não a teria surpreendido mais do que essa confissão subitanea e imprevista.

Kanyadjé amava Mérande...

Para Nadia, sempre afflicta pela sorte dos seus amigos, era n'uma revelação, que lançava a commoção e a perturbação na sua alma.

A' confissão de Kanyadjé succedera um silencio, durante o qual, Nadia, compondo-se, acariciava instinctivamente a cabeça da donzella, como n'uma mão que embala o filho. Emfim, retorquiu com voz abafada:

—Amas Mérande, querida Kanyadjé? E elle sabe-o?

—Sim, visto ha tres dias.

—Visste-o? E como pudestes communicar com os europeus, não obstante os ordens de vosso pae?

—Tenho os meus servos fieis. De noite passei pela galeria exterior e fui ter com Mérande.

A donzella sorria, falando, do espanto de Nadia.



MAX HERMANN

por esses cuidados extremos a que os servidores orientaes empregam em livrar seus amos dos cuidados materiais; levadas de dia em palanquins fechados e luxuosos, que baloçavam em elevancia os elephantes pesados ou carregados nos pares; de noite abrigadas da neve e da friagem nas espessas barracas carregadas de tapeçarias, Nadia e Kanyadjé não tinham padecido physicamente. Bastas vezes separadas pela viagem ou pelo acampamento, tinham tido apenas breves relações, sempre respeitadas, mas sem expansão, da parte de Kanyadjé. Timour, que conduzia os seus exercitos, não tornára a apparecer. Pelo menos, a sua presença não se tinha revelado nem a n'uma nem a n'outra das duas mulheres que só faziam pulsar o seu coraçao altivo.

Nadia levára muito tempo a rastabelecer-se das commoções que a tinham profundamente abalado no acampamento de Karachar, e, sentindo a animosidade sarda de Kanyadjé, inquieta pela sorte daquelles que, sem duvida, a accusavam de perfidia e de traição, concentrava-se, deixando-se viver no incognito que a envolvia de apprehensões, de passares, e, até de rumores, reflectido tambem no destino que a esperava.

Vimos como e em que condições ella tinha annuido a ser mulher de Timour. Mas esse sacrificio heroico, apenas cumprido, pesava fortemente sobre a sua alma. Sabia que Kanyadjé fora informada por seu pae da nova auctoridade que assumia d'ahi em diante Nadia. Nenhum testemunho da donzella tinha vindo ainda trazer-lhe o seu pensamento complacente ou irritado.



A entrega dos bonets aos recrutas



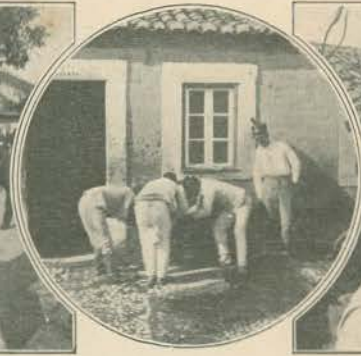
Os recrutas analysando os soldados velhos



O primeiro fôto à militar



O primeiro serviço



A primeira lavagem no regimento



Experimentando as botas

A festa dos recrutas no regimento de infantaria 16

Chronica elegante

Posto que ainda se não tenham iniciado os attractivos e festas da estação d'inverno, pairam nos ares projectos de elegancias, de novidades encantadoras. As *fanfrinches* parisienses, esses innumerables objectos, para muitos superfluos e mesmo inuteis, são para as verdadeiras elegantes julgados indispensaveis e servem de complemento ás mais requintadas *toilettes*.

Entre muitos d'esses mimos notam-se alguns dignos de especial menção. São elles uns lequinhos *Empire* destinados a acompanhar appropriadamente os trajes d'esse estylo que se usará no inverno, sobre tudo para a noite. Outros loques tambem de exiguas dimensões são feitos de pennas de *geni* sarapintadas naturalmente, e os do genero monoa fragil são egualmente pequenos e muito portateis. Figuram tambem na lista de novidades elegantes gravatas curtas em *zibeline-chinchilla* e *vison*, guarnecidas de renda d'Irlanda, o regalo da mesma qualidade muito macios e pequeninos que ficam suspensos ao pescoço com Hindi e nos *santouirs* de pedras, ou perolas sobre correntes de ouro e prata.

Os chapéus destinados ás *toilettes* mais *habillees* são originalissimos no que se reporta ás guarnições e maneira de applical-as. Continua a tendencia para levantar-os atraz, mas nem sempre os enfeites acompanham essa linha. Alguns são principalmente, ou antes unicamente, guarnecidos na frente, com pluma em pé, grande *algrette* ou azas *Mercure* que ficam mesmo na posição vertical, o que certamente difficillará bastante a entrada n'uma carruagem e talvez mesmo n'algumas portas.

N'um figurino recémchegado vem um chapéu assim enfeitado com azas, sendo quasi nullo o chapéu propriamente dito, que parece unicamente servir de base ás guarnições.

As *toilettes tailleur* é que são verdadeiramente deliciosas, elegantissimas, com um aspecto discreto e sobrio, insinuante pela sua simplicidade e distincção. Uma no-

ta modernissima é fazer os *revers*, gola e punhos ou canhões em camurça ou *chamois* com bordados muito finos em fio de ouro ou prata.

Algumas capas ou *manteaux* tem apparecido egualmente feitas em *peau de chamois* sem guarnição nenhuma a não ser um pequeno *capuchon* forrado de seda da mesma cor.

N'uma elegante tarde de corridas em Paris fez sensação um *règlement* assim em *chamois* de cor clara, trajado por uma elegante dama da aristocracia.

Os *manteaux* para a noite é que são um repositório de riqueza, de arte e de elegancia, onde se vêem fraterisar na mais deliciosa harmonia vultuos, sedas, rendas, bordados e *foufuraes*.



FIG. 1



FIG. 2



FIG. 3

FIG. 1—*Toilettes* do nocte; *manteau* em velludo cor de rosa, com forro de setim branco bordado de rosas em freco. Guarnições de rendas *Malines* e tiras de *zibeline* na gola e mangas.

FIG. 2—Chapéu de feltro creme guarnecido de velludo de verde e *algrette* em gansa branco—*signé* *Leuthéric*.

FIG. 3—*Costume tailleur* em panno *modoré*. Bolero muito curto com botões de ouro *gailloch* e gola e *revers* em *chamois* cor de *sude* bordados a ouro. Chapéu de feltro com rosas de velludo amarello *ombé*.

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

ARMANDO CRESPO
Cicles Victory
 Preços sem competencia
 112, Rua do Crucifixo, 114
 Envia-se gratis catalogos illustrados a quem os requisitar.

Bueno Romera
 CIRURGIÃO-DENTISTA
 Tratamento de doenças da bocca.
 Colocação de dentaduras artificiaes.
 CONSULTORIO:
CALCADA DO COMBRO, 32, I.
 (Vaiço Paulistas) - Lisboa

A MELHOR DE MEZA
CONTRA AS DYSPESIAS



AGUAS DE BEIRAÃO
 DE BEM-SAÚDE

ANALYSE
 De E. M. Ser. J. J. dos Santos e Silva, da Universidade de Coimbra.

Bicarbonato de la sodio . . .	1,15401
Bicarbonato de la lithio . . .	0,00035
Bicarbonato de se calcio . . .	0,51340
Bicarbonato de se magnésio . . .	0,22526
Bicarbonato de la ferro . . .	0,00070
Bicarbonato de se manganes . . .	0,00209
Phosphato d'alumínio . . .	0,00171
Sulfato de potassio . . .	0,01061
Chlorato de potassio . . .	0,01369
Chlorato de sodio . . .	0,10143
Silica . . .	0,03109
Materias organicas . . .	0,00025
. . .	3,41724
Bicarbonato d'ammonio . . .	0,00285
Acido carbonico por litro . . .	0,28584
. . .	Somms. 3,50843

Vestigos de azoto de sodio, azote e oxigenio.

Deposito em Lisboa 37, RUA DO CORPO SANTO, 37
Deposito no Porto: 57, RUA DE D. PEDRO, 57

CORTICITE
 "CHÃO SEM FENDAS"
 (AGGLOMERADOS DE CORTIÇA)
 Para a revestimento de pavimentos, a' sua massa que se solidifica no próprio local.

Impermeavel
Inatacavel por acidos
Higienico
Duravel
Economico

de grande utilidade em casas particulares para
Cosinhas, quartos de banho, etc.
 e principalmente em

Escolas
Laboratorios
Hospitais
Sanatorios
Casernas, etc.

AMOSTRAS E ESCLARECIMENTOS
O. Herold & C. Rua da Prata, 14, I.

SEDATIVO BEIRAÃO
Anti-Dysmenorrhoeico

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que procedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhoea). Cura ou allivia as cólicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris, vertigens, epimas, convulsões, ataques nervosos, hysterics e outros; náuseas, vomitos, diarrheas, abate a elevação do ventre por accumulação de gases, a turpidez das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo Beirão** actua com especialidade sobre o utero, orgão annexo e dependente, dá-lhes energia muscular, regularisa suas funcções e é muito effizaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhoea accidental ou suspensa subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo Beirão** contém propriedades tónicas, adstringentes e anti-sépticas, muito effizazes para debellar o fluxo branco utero vaginal (leucorrhoea). O **Sedativo Beirão** é de grande valor therapéutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinal, assegura o regular movimento peristaltico e anti-peristaltico d'estas vias que, quando invertido, é origem e sustentação de graves perturbações gastro-intestinaes, diminui a pressão sanguínea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia do sangue e de outras molestias que sobrevem pela cessação final dos menstros n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo Beirão** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS:
 Em LISBOA - Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167. - Em LONDRES - Monsieur John Wyman, 38 e 39, Bunhill-Row, London E. C.

"ROYAL WINDSOR"
 O melhor regenerador dos cabelos
 Em todas as droguarias e casas de perfumarias
VENDAS POR GROSSO
A. Vincent - 139, Largo de Camões, I.º - Lisboa

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
 Brilhantes capas em percalina e encarnada a ouro e cores, superiormente illustradas por Santos Silva, e para a edificação de cada semestre da notoria revista

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
 Capa e respectivo indice para cada semestre
700 RÉIS

Simplex - EBicyclettes
 A mais elegante e a mais solida, resolve-mos fazer uma grande redução de preços n'estes magnificos e machinas, com travão automatico a roda li livre, passamos a vender por **585000 réis**. - Bicyclette legittima B. S. A. a **2050000 réis**. - Bicyclette allemã, que é a melhor da fabrica desde **250000 réis**. - Protectores ligeiros, muito bons, systema Dunlop a **25000 réis**. - Camaras d'ar a **15000 réis**. - Accessorios e reparações, paramen-se a ser mais baratos que qualquer outra casa.

J. Castello Branco Rua do Socorro 42 a 46

London Dental Surgery
 Cirurgia e prothese dentaria pelos mais modernos processos

Tech. Director
A. B. Tugman
 Surgeon-Dentist

TELEPHONE 1371
Palacio Foz
 AVENIDA - LISBOA

Agua mineral do Monte Banza - Colares

A agua de Foz de Meira é a mais pura e a mais barata. E' uma agua mineral natural, balneologica, nas fontes da Serra de Sintra, regularizada dos Senhores Intendentes, FORTIÇA, ANTÓNIO, PRITICA, DI. AETICA.

E' aconselhada para o tratamento das doenças do estomago, proventriculo, de sua digestão, nas doenças da heziga e rim e em muitos casos de anemia e neurasthenia.

DEPOSITOS:
 Escritorio de Repres. - Rua Arco do Pandeiro, 14, I.º - Lisboa.
 Pharmacia Beral - Rua do Ouro, 14, I.º - Lisboa.
 Verol & C.º - Rua Augusta, 144, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500.

Monte-Banza

Agua mineral do Monte Banza - Colares

Desinfetante da bocca
 Para fazer os dentes brancos. Tirar o mau halito e conservar a dentadura, não ha melhor.
 Cada caixa 100 réis, pelo correio mais 20 réis.
 Escritorio a Francisco Simões, rua dos Fanqueiros, 226. 3.º L.º Lisboa. Remette-se a quem enviar a importância em estampilhas.

Desinfetante da bocca
 Para fazer os dentes brancos. Tirar o mau halito e conservar a dentadura, não ha melhor.
 Cada caixa 100 réis, pelo correio mais 20 réis.
 Escritorio a Francisco Simões, rua dos Fanqueiros, 226. 3.º L.º Lisboa. Remette-se a quem enviar a importância em estampilhas.

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS LIMITADA
AUTO PALACE



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
 DE UDIN-BOUTON, DECAUVILLE, RENAULT FRERES, RICHARD-BRAZIER
 Rua do Jardim do Regedor 44 a 26 LISBOA

Empreza DE Trens

Objectos funerarios

PIRES BRANCO & MARTHA
 Largo da Alegria, 13 a 19 - LISBOA
 Telephone 2.º 1206

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
 Proprietaria das fabricas do Prado, Marlalania e Sobrelinho (Thomas), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Moir (Albergaria a Velha).
 Installadas para uma produção annual de cinco milhes de kilos de papel e dispondo dos machinamos mais aperfoçoados para a sua industria.
 Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina contínuo ou redondo e de forma

Escriptorios e depositos
LISBOA - 270, Rua da Princesa, 276
PORTO - 49, Rua de Passos Manuel, 51
 Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado - Porto-Prado - Lisboa: Numero telephonico 506

NESTLÉ
 FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluídas a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Companhia Franceza DO GRAMOPHONE

O GRAMOPHONE POPULAR



Esta machina é um magnifico aparelho com todas as proopriedades das melhores machinas, perfeitissimo, reproduz os sons com todo o seu vigor e pujança, com a maior clareza e nitidez.

PREÇO EXCEPCIONAL 12\$000 RÉIS

ULTIMAS NOVIDADES EM DISCOS NOVA TABELLA DE PREÇOS

Gramophone n.º 3 P.....	12\$000 réis	Gramophone n.º 7.....	42\$000 réis	Gramophone n.º 5 B.....	37\$000 réis
Gramophone n.º 3 E.....	14\$000 réis	Gramophone n.º 9.....	51\$500 réis	Gramophone n.º 7 B.....	48\$000 réis
Gramophone n.º 4.....	18\$000 réis	Gramophone n.º 13 (an- cien 15).....	78\$000 réis	Gramophone n.º 9 B.....	60\$000 réis
Gramophone n.º 5.....	27\$000 réis			Gramophone n.º 15 Luxe	90\$000 réis

N.º 5, 7, 9 e 15 com Pavillon Morning Glary ou Grande Pavillon Alluminium, mais 5\$000 réis

AS MAIS MODERNAS IMPRESSÕES

DISCOS PEQUENOS

- 62144 — *N'um sino*, coplas do Espelho cantado pelo actor Jayme Silva.
- 62148 — *Ali... á preta*, coplas de Portugal cantado por Duarte Silva.
- 62150 — *A do Valentim*, Cancão popular cantado por Duarte Silva.
- 62151 — *A Grã Duquesa de Gerolstein*, coplas de Fritz cantado por Duarte Silva.
- 62152 — *Anatomia*, canção militar cantada pelo actor Mattos.
- 62154 — *Boccacio Frasqueira de Grão Duque*, cantado pelo actor Queiroz.
- 62157 — *Fado do Soldado*, com acompanhamento de guitarra portugueza cantado por Sousa.
- 67593 — *Fado azul*, solo de guitarra portugueza tocado por Julio Silva.

DISCOS CONCERTO

- 62315 — *Dominó, Dominé*, cantado por José de Bastos e coro, com acompanhamento de orchestra.
- 62316 — *Oh! Julia, Oh! Julia*, canção popular cantada por José de Bastos e coro.
- 62317 — *Mas agora viras tu*, cantado por José de Bastos e coro.
- 62322 — *O ralar da Aurora*, cantado por Arnaldo Vasconcellos com acompanhamento de orchestra.
- 63584 — *Celestial Maxixe*, cantado por Delphina Victor com acompanhamento de orchestra.
- 63585 — *O canto celestial*, romanza cantada por Delphina Victor.
- 63586 — *Margarida*, Augusto Machado, canção portugueza cantada por Delphina Victor.
- 63587 — *Valsa d'Apollo* - Revista - Raios X, cantada por Georgina Cardoso com acompanhamento de orchestra.

A ultima palavra em
machinas falantes

Tripleophone



Pedir catalogos e prospectos á

COMPANHIA
FRANCEZA
DO
GRAMOPHONE

LARGO DA RUA DO PRINCIPE, 3, 1.º